

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOLOGIA JURÍDICA**

LUANA ANGÉLICA RAMBO

**VIOLÊNCIA VIRTUAL EM UNIVERSITÁRIOS:
Aspectos psicológicos e jurídicos**

São Leopoldo

2020

LUANA ANGÉLICA RAMBO

**VIOLÊNCIA VIRTUAL EM UNIVERSITÁRIOS:
Aspectos psicológicos e jurídicos**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Psicologia Jurídica, pelo Curso de Especialização em Psicologia Jurídica da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Orientadora: Profa. Dr. Denise Falcke

São Leopoldo

2020

VIOLÊNCIA VIRTUAL EM UNIVERSITÁRIOS: Aspectos psicológicos e jurídicos

Luana Angélica Rambo¹

Denise Falcke²

Resumo: Expressões de violência ocorrem em ambiente físico e, cada vez mais, também em ambiente virtual. O presente artigo teve como objetivo investigar o fenômeno da Violência Virtual sob a perspectiva de estudantes universitários jovens e a correlação com o *coping*, que se refere ao enfrentamento frente às situações adversas. Trata-se de um estudo quantitativo descritivo e correlacional, realizado com 68 alunos, com média de idade de 22,1 anos, e que se encontram matriculados em cursos de graduação. Utilizou-se o Inventário de Estratégias de *Coping* e o Questionário de Violência Virtual. Os achados sinalizam que 54,4% dos estudantes declaram terem sido vítimas de Violência Virtual e 65% sinalizaram terem percebido prejuízo psicológico ou social nessa vivência. Ainda, a estratégia mais utilizada para o enfrentamento desta foi a Fuga da Realidade, havendo correlação negativa entre a vitimização e as estratégias de *Coping* Afastamento, Aceitação/Resignação e Negação do Problema e dos Sentimentos. Considera-se relevante investigar fatores desta temática, entendendo os impactos negativos evidenciados por este tipo de violência.

Palavras-chaves: Violência Virtual; Universitários; *Coping*; Enfrentamento, Psicologia Jurídica.

1 INTRODUÇÃO

Ao longo do processo de evolução, a agressividade sempre esteve presente como comportamento humano, por uma necessidade de suprir a fraqueza inerente à espécie em nome da sobrevivência em um mundo naturalmente hostil. Para além da questão da sobrevivência, o desenvolvimento e o viver em sociedade trouxeram outros contornos para o comportamento agressivo, perdendo sua forma natural de defesa para assumir uma postura violenta. (ODALIA, 2017).

O termo *violentia*, original do latim, expressa o ato de violar o outro ou a si mesmo, podendo indicar algo fora do estado normal, algo ligado ao comportamento deliberado, à força, e que produz danos físicos (como ferimentos, tortura, morte) ou

¹ Graduada em Psicologia e Pós-graduanda em Psicologia Jurídica da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. E-mail: luanaangelicarambo@hotmail.com.

² Professora Doutora do Curso de Psicologia e do Programa de Pós-graduação em Psicologia na Universidade do Vale do Rio dos Sinos. E-mail: dfalcke@unisinos.br.

danos psíquicos (como humilhações, ameaças, ofensas). Ou seja, a prática da violência expressa ações contrárias à liberdade ou à vontade de alguém. A complexidade do fenômeno possui raízes históricas, sociais e subjetivas na evolução da humanidade, podendo ser observado de forma ampla nas sociedades. (MODENA et al, 2016; DE OLIVEIRA MOREIRA; DO ROSÁRIO; DA COSTA, 2016).

No discurso jurídico, geralmente, a violência é sinônimo de criminalidade, sendo expressa em forma de ato violento, praticado por um indivíduo ou um grupo, evidenciando a intencionalidade da ação. Tal ação legitima uma relação entre agressor e vítima, sendo papel do direito penal a mediação desse tipo de conflito, muitas vezes por meio do uso de mecanismos repressivos e punitivos, em um intuito de compensação de danos e sofrimento às vítimas. (DE SOUZA, 2018).

Evidenciando um crescimento contínuo (COELHO et al, 2017) nos índices de violência e criminalidade na contemporaneidade (DE OLIVEIRA MOREIRA; DO ROSÁRIO; DA COSTA, 2016), é possível identificar a violência como um fenômeno em plena expansão quanto às formas de expressão, podendo assumir diferentes contornos, como a física, a verbal, a moral e a psicológica, e efetivados nos mais diferentes contextos e relações. (ALBANAES et al, 2017).

Para além do desenvolvimento da expressividade de tipos de violência, a contemporaneidade também emerge novas possibilidades desta existência. Com a emergência e inovação de tecnologias, e a criação de relações em ambientes virtuais (ciberespaço), o comportamento violento alcança novas proporções e novos contextos. (LACERDA; PADILHA; DO AMARAL, 2018).

O uso da *Internet* como extensão dos relacionamentos entre sujeitos se torna bastante comum na atualidade através das Redes Sociais³. Com esta expansão da comunicação e do alcance entre as pessoas, surgem novas possibilidades de desenvolvimento da subjetividade dos sujeitos. Por consequência, a expressividade da violência também ganha espaço e contorno nesta nova configuração. (LACERDA; PADILHA; DO AMARAL, 2018).

Embora o ciberespaço possa aproximar e desenvolver positivamente as relações, intensificando a comunicação, também possibilita o aumento do impacto quando se fala de fenômenos agressivos. (PRIETO QUEZADA; CARRILLO

³ Rede de Relacionamento Social: Redes de relacionamento sociais, com interação no ambiente virtual, que possibilita a troca de informações e a comunicação entre os usuários através na *internet*. (MIRA; BODONI, 2015).

NAVARRO; LUCIO LÓPEZ, 2015). Através da possibilidade do anonimato e do maior alcance, já que não depende das limitações físicas, o ambiente virtual se torna uma atratividade para a violência moral, verbal e psicológica. (LACERDA; PADILHA; DO AMARAL, 2018).

Segundo Modena e colaboradores (2016), se evidencia como comum a visualização da agressividade, desrespeito, desprezo e diferentes tipos de violência no ambiente virtual, como a intolerância, o preconceito, discursos agressivos, exposição não autorizada, dentre outros. Para além do comum, por vezes tais fenômenos se colocam como normalizados, aceitáveis e defendidos como liberdade de expressão. Neste contexto, compreender melhor os mecanismos de socialização de informações é uma forma de compreender o fenômeno da violência virtual, permitindo entender a banalização da violência e sua prática repetitiva, bem como a influência de comportamento de demais sujeitos. (WANZINACK; REIS, 2015).

Não há um consenso sobre as características e denominações desses tipos de violências, por se tratar de um fenômeno extremamente dinâmico e mutável, embora, comumente venham se criando denominações usualmente utilizadas para esses subtipos. (BOZZA; VINHA, 2017). O *Cyberbullying*, por exemplo, é utilizado com maior frequência para ações violentas e intencionais entre pares. Já quando se trata de agressões que ocorram entre sujeitos que não tem o mesmo poder de influência (autoridade), em uma relação hierárquica, o fenômeno é mais comumente considerado como *Cyber Assédio*. Ainda podemos identificar o fenômeno do *Cyberstalking*, que consiste em usar ferramentas tecnológicas para perseguir e controlar outro sujeito. Outro fenômeno é denominado *Cyberteasing*, que se materializa em provocar, mas sem prejudicar outro sujeito. Um pouco mais significativo, o *Cyberthreats*, que são as intimidações diretas, indica que a pessoa está perturbada e disposta a prejudicar fisicamente alguém ou a si próprio (transbordando as expressões violentas para além do ambiente virtual). Outra forma de provocação é a *Trollagem*, que busca atormentar por meio de ofensas, apenas para desestabilizar a outra pessoa. A divulgação não autorizada de *Sexting* consiste em compartilhamento de conteúdo erótico (nudes) sem o consentimento da vítima, e possibilitando a *Cyber Revenge*, vingança virtual. Por fim, destaca-se também o *Shaming*, que se trata do linchamento ou vergonha pública massiva virtual, através de avalanches de mensagens hostis. (BOZZA; VINHA, 2017). Neste estudo, optou-

se por utilizar a terminologia violência virtual para se referir a qualquer uma das manifestações descritas acima e que caracterizam o fenômeno a ser estudado.

A violência no âmbito virtual no Brasil pode ser considerada como crime. Para defini-lo, a legislação brasileira faz uma analogia com leis que são usadas para punir o comportamento fora do ciberespaço. Não interessando o ambiente, o enfoque se dá na ação executada, estipulando que é considerado como crime o fato humano que lesa ou expõe a perigo bens jurídicos considerados fundamentais para a existência da coletividade e paz social. (LACERDA; PADILHA; DO AMARAL, 2018).

Segundo o Código Penal Brasileiro (DELMANTO et al, 2017), quando o crime tiver a intenção de ofender a honra, será considerado calúnia, e tem sua tipificação no artigo 138. Se envolver divulgação de boatos, será considerado difamação, e tipificado no artigo 139. Ao atribuir característica negativa a outra pessoa, se tratará de injúria, e poderá ser tipificado no artigo 140. Já quando se tratar de ameaças, será amparado pelo artigo 147 do Código Penal. Há ainda a Lei dos Crimes Cibernéticos (Lei 12.737/2012) conhecida como Lei Carolina Dieckmann, que dispõe sobre a tipificação criminal de delitos informáticos de invasão, permitindo a responsabilização penal dos infratores. Foram acrescentados ao Código Penal, o crime de invasão de dispositivo informático, seja este conectado ou não à rede de computadores, através de violação de segurança e com o fim de obter, adulterar ou destruir dados ou informações sem autorização do titular do dispositivo. (MENESES, 2019).

Segundo Gurgel (2019), há algumas tentativas de enfrentar o problema dos crimes virtuais no Brasil, como a determinação legal de criação de delegacias especializadas no combate a crimes cibernéticos. Todavia, tais delegacias foram implementadas apenas em alguns Estados brasileiros, e os recursos de combate a formas de delitos virtuais se caracterizam aquém do necessário no cenário nacional.

Uma vez que consideramos a característica de maior alcance, rápida propagação e possibilidade de anonimato, a violência virtual também pode ser considerada como de maior impacto quando falamos das consequências para as vítimas. (WENDT; LISBOA, 2013; DE OLIVEIRA MOREIRA; DO ROSÁRIO; DA COSTA, 2016; BOZZA; VINHA, 2017; LACERDA; PADILHA; DO AMARAL, 2018). Desta forma, se torna importante entender de que maneira as mesmas sentem o impacto desta violência e como a enfrentam.

A violência virtual vem se tornando objeto de estudo no mundo (CORCORAN; PRENTICE, 2015; GARDNER et al, 2016; HOLFELD; MISHNA, 2018) e no Brasil (WENDT; LISBOA, 2013; SCHREIBER; ANTUNES, 2015; PEIXOTO; ZANINI; DE GOMES FARIA, 2018). Sobretudo, evidenciam-se estudos com jovens em contexto escolar (WENDT; LISBOA, 2013; SCHREIBER; ANTUNES, 2015; STELKO-PEREIRA, 2018), embora poucos em jovens universitários (MIRA; BODONI, 2015; PRIETO QUEZADA; CARRILLO NAVARRO; LUCIO LÓPEZ, 2015).

Segundo Wendt e Lisboa (2013), em um estudo de revisão de literatura sobre os impactos da violência virtual na América Latina em jovens em contexto educacional, a vitimização *online* emergiu como um fator de risco adicional para o desenvolvimento de sintomas de baixa autoestima, depressão e ansiedade. Na mesma direção, Schreiber e Antunes (2015), em seu estudo sobre violência virtual, também observaram consequências biológicas identificadas em vítimas desse fenômeno, como a insônia, enurese, ansiedade, dores de cabeça e dores abdominais. Para além disso, também se tornou evidente que um número expressivo destas vítimas não procurou ajuda ao sofrer esta violência. Segundo os autores, este afastamento pode ser a causa de sérios prejuízos, ou mesmo questões irreversíveis, como casos extremos de suicídio, homicídio ou massacres em massa, principalmente quando observados com jovens em contexto educacional. Além disso, estudos demonstram que a violência virtual também impõe reflexos no que diz respeito ao desempenho educacional e influencia negativamente no clima escolar. (WENDT; LISBOA, 2013; MIRA; BODONI, 2015; SCHREIBER; ANTUNES, 2015).

Desta forma, fica evidente a importância do enfrentamento deste tipo de violência por parte das vítimas. Estas estratégias de enfrentamento de situações adversas podem ser denominadas de *Coping*, que é concebido como o conjunto das estratégias utilizadas pelas pessoas para adaptarem-se a circunstâncias adversas. (ANTONIAZZI; DELLAGLIO, 1998).

O *coping* não é um processo único ou de resposta única a estes eventos. Trata-se de um processo dinâmico, com uma série de retornos envolvendo a interação do sujeito com o meio ambiente ao longo da tentativa de superação da dificuldade. (STRAUB, 2014). O enfrentamento pressupõe uma avaliação da situação através da percepção do sujeito. A forma como este interpreta o desafio, e como é representado cognitivamente por ele, diz sobre a resposta e o comportamento que escolherá diante da situação. (LAZARUS; FOLKMAN, 1984).

Todavia, nem todas estas estratégias de enfrentamento utilizadas pelo sujeito serão igualmente eficazes. Algumas estratégias de *coping* podem proporcionar alívio temporário, em curto prazo, mas podem significar uma má adaptação ao longo do tempo. Assim, há uma classificação de *coping* segundo o foco utilizado pelo sujeito para responder ao ambiente. A primeira categoria condiz com estratégias focadas nas emoções ligadas ao estressor. Estas estratégias focadas na emoção podem envolver desviar a atenção, de diferentes formas, ou negar a situação. Uma segunda categoria diz respeito às estratégias de enfrentamento focalizadas no problema, onde o sujeito lida diretamente com a situação conflitiva. Esta opção procura reduzir as demandas do estressor ou aumentar os recursos pessoais para lidar com ele. (STRAUB, 2014).

Freire e Noriega (2011) colocam que as estratégias focadas na emoção possuem caráter mais passivo do que as com foco no problema. Isso, pois na estratégia com foco emocional, há um afastamento do problema, tomando um caráter de não confronto com a situação. Nas estratégias com foco no problema, o sujeito se vê propenso ao enfrentamento ativo, aproximando-se diretamente com a dificuldade.

As estratégias de *coping* são exploradas em diferentes estudos com universitários, abordando temáticas como habilidades sociais, adaptação acadêmica, estresse e saúde mental (RAMOS; ENUMO; DE PAULA, 2015; IAMIN; ZAGONEL, 2017; SOARES et al, 2019; SOUZA; JUNIOR; BIAZZI, 2019), mas são pouco exploradas ao se falar de violência virtual.

Para Wendt e Lisboa (2013), é urgente a necessidade de compreender as especificidades subjetivas e emocionais dos jovens sob influência do “universo digital”, que faz parte de boa parte da nova geração. Os jovens ditos da Geração Z, nascidos após o ano de 1995, são considerados nativos digitais por estarem imersos neste ciberespaço com maior naturalidade desde o nascimento e, conseqüentemente, constituindo sua subjetividade influenciados pela relação que se constrói neste contexto (CAMPEIZ et al, 2017).

Entendendo as evidências de violência virtual em expansão na contemporaneidade, os impactos que geram na vida das vítimas, e identificando a falta de estudos deste tipo de violência em jovens universitários, bem como não identificando como a enfrentam, este estudo tem como objetivo analisar a Violência Virtual em jovens acadêmicos, seus impactos e suas estratégias de *coping*. Os

resultados poderão contribuir para o planejamento de intervenções futuras sobre o manejo de situações de violência vivenciadas em ambiente virtual com universitários.

2 MÉTODO

Trata-se de um estudo quantitativo, de delineamento descritivo e correlacional. (CRESWELL, 2010).

2.1 Participantes

A amostra deste estudo foi composta por 68 estudantes de 17 cursos de graduação, sendo estes de 28 Universidades do Brasil, com idade média de 22,1 anos (DP= 2,28). A idade variou entre 17 e 25 anos. Do total, 77,9% eram mulheres e 22,1% homens, sendo que 80,9% declararam estar solteiros e 19,1% estar em um relacionamento afetivo estável.

Estes estudantes encontravam-se entre os diferentes semestres de curso, sendo 23,6% do início da graduação (primeiro, segundo e terceiro semestres), 44,1% do meio da formação (quarto, quinto e sexto semestres) e 32,3% em fase conclusiva do curso (sétimo semestre ao final do curso). Quanto ao vínculo com mercado de trabalho, 69,1% da amostra declarou estar trabalhando e destes, 63,2% estar trabalhando ou realizando estágio na área da formação.

Quando questionados sobre tratamento psicológico/psiquiátrico, 45,6% indicaram ter feito ou estar em acompanhamento, sendo que 20,6% declararam fazer uso de algum tipo de medicação. Os principais motivos da busca pelo tratamento foram, em primeiro lugar, ansiedade, estresse e depressão (29,4%) seguidos pela busca do autoconhecimento e autoestima (7,4%). Ao responder, 75% dos estudantes declararam já ter feito uso de álcool e outras drogas. Destes, 76% declaram uso de álcool, 12% maconha e 12% cocaína, sendo que 30,9% afirmam fazer uso regularmente.

2.2 Instrumentos

Neste estudo foram utilizados três instrumentos para dar conta do objetivo traçado. O primeiro foi um Questionário Sociodemográfico (Apêndice A) com

questões para caracterizar a amostra, como: idade, relações de trabalho, relações de formação acadêmica, tratamento psicológico/psiquiátrico, uso de redes sociais.

O segundo foi o Questionário de Vitimização Virtual (QVV – ANEXO E) proposto por Faria, Zanini e Peixoto (2018), que é composto por cinco itens sobre vitimização virtual onde o respondente deve utilizar a escala de medida de dois pontos (não; sim), avaliando as ocorrências de vitimização deste tipo de violência em dois momentos: nos últimos doze meses e ao longo da vida (FARIA; ZANNI; PEIXOTO, 2018).

Em um último momento, foi aplicado o Inventário de Estratégias de *Coping*, proposto por Lazarus e Folkman (1984 – ANEXO C) e adaptado por Hirsch et al. (2015), com consistência interna de 0,853, no estudo original. Este inventário possui 36 itens, em formato Likert (1 = não utiliza a estratégia e 5 = utiliza a estratégia em grande frequência), compondo sete fatores para caracterizar o *coping* diante de situação de violência, sendo eles: 1. reavaliação positiva (reavaliar a situação e verificar pontos positivos); 2. planejamento/resolução (avaliar a situação e fazer um planejamento para ação); 3. fuga da realidade (evitar a situação, utilizar estratégias de resolução focadas no futuro ou ignorar a situação); 4. afastamento (afastar-se da situação sem resolvê-la); 5. aceitação/resignação (aceitar as consequências de forma passiva); 6. negação do problema e dos sentimentos (evitar a vivência emocional da situação ou negá-la), 7. suporte social (encontrar apoio da rede para o enfrentamento).

2.3 Procedimentos

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (parecer 3.482.127 – ANEXO A), conforme resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que regulamenta a pesquisa com seres humanos no Brasil. (BRASIL, 2016). A coleta dos dados foi realizada entre os meses de agosto e outubro de 2019, em formato *online*. Os participantes foram convidados a participar da pesquisa através de grupos de estudantes de diversos cursos e universidades em uma rede social da *internet*.

No convite, foi apresentado o objetivo e delimitações da amostra, enfatizando o direcionamento para estudantes entre os três últimos semestres do curso de psicologia. Neste mesmo, disponibilizou-se um link para o acesso ao Termo de

Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE – ANEXO B), em formato eletrônico, onde o participante foi assegurado de que, ao consentir, estava de acordo com os procedimentos da pesquisa, e que estavam contando com contrato de privacidade e confidencialidade das informações, não sendo identificados seus nomes. Apenas na condição de consentir, o estudante poderia ter acesso ao primeiro instrumento (Questionário Sociodemográfico), e, da mesma forma, apenas ao sinalizar estar entre o perfil do estudo, este foi direcionado para os demais instrumentos (QVV e Inventário de Estratégias de *Coping*).

Os dados coletados passaram por análise estatística, realizada através do *software* estatístico SPSS (*Statistical Package for Social Sciences*) versão 22.0. Por meio do teste de normalidade *Kolmogorov-Sminov*, verificou-se que os dados se constituíam como não paramétricos, e, em razão disso, foi utilizado o teste de correlação de *Spearman*.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dentre os estudantes que compõem a amostra, 97,1% se declararam adeptos à participação em redes sociais de relacionamento virtual. Este dado corrobora com os estudos sobre uso de internet, redes sociais e seus impactos com universitários brasileiros, nos quais mais de 95% dos participantes apontaram fazer uso regular de redes de relacionamento virtuais. (LIMA; DE CÁSSIA LEIVA; SOUZA LEMES, 2017; DE OLIVEIRA SOARES et al., 2018).

Dentre os participantes do presente estudo, 13,2% colocaram que utilizam uma única rede social para relacionamento virtual, 44,1%, até duas redes sociais, 26,5% até três redes sociais e 16,2% utilizam quatro redes sociais ou mais para se relacionar no ambiente virtual. Estes dados apontam uma amplitude das relações virtuais, uma vez que a maioria dos respondentes participa de várias redes de relacionamento virtual ao mesmo tempo. Este fenômeno se torna comum quando analisados diferentes estudos e o uso de redes sociais. (PRIETO QUEZADA; CARRILLO NAVARRO; LUCIO LÓPEZ, 2015; LIMA; DE CÁSSIA LEIVA; SOUZA LEMES, 2017; KLINGER et al., 2017).

Em relação ao tempo dedicado às redes de relacionamento virtual, 30,9% dos respondentes declararam passar até duas horas por dia, 35,3% até quatro horas por dia, 23,5% até 6 horas por dia e 10,3% mais de 10 horas ao dia. Estes dados

apontam a amplitude da vivência de relacionamento virtual dos participantes e se aproximam dos resultados de um estudo mexicano sobre violência virtual (PRIETO QUEZADA; CARRILLO NAVARRO; LUCIO LÓPEZ, 2015), que investigou 17000 alunos universitários, apontando o uso médio de 4 horas por dia em redes sociais pela maioria dos estudantes entrevistados.

Dentre os estudantes que compõem a amostra deste estudo, 69,1% indicaram já terem tido contato com Violência Virtual e 54,4% declararam terem sido vítimas em algum momento da vida. Destes, 65% sinalizaram terem percebido prejuízo psicológico ou social causado por vivenciarem a Violência Virtual, sendo que 37,2% consideraram que a intensidade deste prejuízo foi média e 14% consideraram alta. Ao verificar a percepção dos estudantes em terem causado, de alguma forma, Violência Virtual a terceiros, 41,2% dos mesmos trazem resposta afirmativa. Percebe-se que ambos os papéis, de agressor e vítima, se tornam evidentes nos entrevistados, o que parece indicar, de certa forma, a naturalização da violência psicológica. (COLOSSI; FALCKE, 2013).

Segundo o estudo de revisão de literatura sobre as consequências da violência virtual, de Santos, Rodrigues e Silva (2017), quando abordados os sintomas físicos decorrentes, agressores e vítimas apresentam manifestações semelhantes, como distúrbios no sono e de atenção, cefaleia, dores abdominais, náuseas, enurese. Em se tratando de aspectos psicológicos, os autores colocam que vítimas apresentam aumento de reações emocionais, como constrangimento e raiva, sintomas de depressão, ansiedade, diminuição da capacidade empática e ideias suicidas. Em contrapartida, agressores tendem a apresentar um aumento nos níveis de agressividade (também fora do ambiente virtual), tendo mais propensão a violências diversas e ao consumo de drogas e prática de crimes.

Dentre os apontamentos do Questionário de Vitimização Virtual, as respostas levantadas nesta pesquisa indicam conforme a Tabela 1:

Tabela 1 – Resultados do Questionário de Vitimização Virtual (QVV)

	Neste ano (%)	Na vida (%)
Alguém disse coisas a você por internet ou celular (WhatsApp, sites de relacionamento, mensagem celular) que te magoaram?	64,7	97,1

Alguém publicou coisas sobre você na internet (WhatsApp, sites de relacionamento, Twitter, Facebook, etc.) que te fizeram sofrer ou que te deixaram envergonhado (a)?	13,2	48,5
Alguém fez alguma brincadeira com você utilizando sua imagem (foto) e a expôs na internet para outras pessoas e isso te deixou chateado (a)?	4,4	39,7
Alguém te xingou ou falou coisas sobre você na internet que te deixaram triste?	23,5	67,6
Alguém te avaliou mal publicamente via internet que deixou você chateado (a)?	19,1	52,9

Segundo os dados do QVV, percebe-se mais evidência de experiência de vitimização na violência verbal através de ofensas e xingamentos. Em sequência, percebe-se a humilhação e a exposição como contextos de vitimização. Ressalta-se a porcentagem alta destas experiências evidenciadas pelo QVV, principalmente quando o questionário abrange a experiência para além de um ano.

Quando interrogado o subtipo específico de Violência Virtual vivenciado pelos estudantes universitários, os resultados apontam conforme a Tabela 2:

Tabela 2 – Subtipos de Violência Virtual

Subtipo de Violência Virtual	Neste ano (%)
Trollagem (ofensas virtuais)	35,3
Cyberthreats (Intimidação virtual)	25
Cyberstalking (Perseguição virtual)	20,6
Cyberteasing (provocação virtual)	19,1
Cyberbullying (ações violentas entre iguais)	17,6
Shaming (humilhação virtual)	14,7
Cyber Assédio (ação violenta praticada por alguém hierarquicamente superior)	10,3
Cyber Revenge (vingança virtual)	7,4
Exposição sem autorização de conteúdo íntimo	2,9

Dentre as publicações mais frequentes sobre violência virtual, se torna mais comum a abordagem do subtipo CyberBullying, evidenciando mais estudos com esta temática. (WENDT; LISBOA, 2013; CORCORAN; GUCKIN; PRENTICE, 2015; SCHREIBER; ANTUNES, 2015; GARDNER et al., 2016; SANTOS; RODRIGUES; SILVA, 2017; HOLFELD; MISHNA, 2018; LACERDA; PADILHA; DO AMARAL, 2018). Embora, no presente estudo, se faz evidente a predominância de outros subtipos de violência virtual entre estudantes universitários. Este dado aponta a necessidade de estudos ampliados em relação à violência virtual em diferentes manifestações.

Quando verificado o relato da utilização de formas de enfrentamento da violência vivenciada, os estudantes sinalizam usar preponderantemente a estratégia de Fuga da Realidade ($m=44,36$; $DP=16,46$) para lidar com a situação estressora. Em seguida aparecem a Negação do Problema e dos Sentimentos ($m= 29,61$; $DP= 12,98$), o Suporte Social ($m= 28,28$; $DP= 14,55$), a Aceitação/Resignação ($m= 27,16$; $DP= 12,29$), o Afastamento ($m= 22,45$; $DP= 8,38$), a Reavaliação Positiva ($m= 17,62$; $DP= 9,14$) e em último momento, o Planejamento/Resolução ($m= 13,77$; $DP= 6,98$).

Segundo o estudo de Santos, Rodrigues e Silva (2017), em se tratando de reações emocionais, a maioria das vítimas apresenta constrangimento e raiva. O mesmo estudo também aponta que existem ainda pessoas que relatam não se importar, transparecendo comportamento de minimização dos danos.

De uma maneira geral, é possível afirmar que o autorrelato dos estudantes da presente pesquisa traz com mais frequência estratégias de não enfrentamento da situação, fugindo do problema e tentando negá-lo. Segundo Hirsch et al. (2015), o fator fuga da realidade/esquiva se configura como uma estratégia pouco resolutiva, demonstrando que os estudantes tentam escapar do problema de forma ilusória ou imaginária, fantasiando situações e minimizando a gravidade do contexto, focando-se mais em aspectos emocionais de enfrentamento.

Quando o estudante nega a existência do problema, favorece o abandono passivo da situação e submissão a esta. Nesses casos, os indivíduos omitem suas emoções, suprimindo as reações, evitando os sentimentos na tentativa de controle da situação. Neste sentido, o uso desta estratégia se configura como pouco resolutiva, mais focada em aspectos emocionais e não na resolução da situação problema. (HIRSCH et al., 2015).

Ao correlacionar o *coping* e a Vitimização de Violência Virtual, foi possível verificar correlações significativas, conforme a Tabela 3:

Tabela 3 - Correlações entre *Coping* e Vitimização em Violência Virtual

	Reavaliação Positiva	Planejamento	Fuga	Afastamento	Aceitação	Negação	Suporte Social
QVV Total	-,026	-,129	-,177	-,275*	-,264*	-,380**	-,087

* $p < 0,05$; ** $p < 0,001$

Houveram correlações negativas entre o QVV total e as dimensões de *Coping* Afastamento, Aceitação/Resignação e Negação do Problema e dos Sentimentos, considerando todas as variáveis de vitimização indicadas pelos respondentes. Desta forma, é possível afirmar que quanto mais os sujeitos se tornam vítimas de Violência Virtual, menos se utilizam destas estratégias de enfrentamento. Tais apontamentos trazem a significância da experiência de violência virtual, uma vez que os entrevistados, ao relatarem experiências de vitimização, não aceitam, negam ou se afastam da violência vivida. Estes dados podem indicar uma maior resolutividade do problema em questão, uma vez que o *coping* característico dos estudantes que se identificam no papel de vítima de violência virtual está menos focado em estratégias de enfrentamento de cunho emocional. Importante da mesma forma é apontar que outras estratégias, mais focadas na resolução do problema, não aparecem com significância, como Suporte Social, Planejamento ou Reavaliação Positiva, impossibilitando, em mesma proporção, afirmar o enfrentamento resolutivo, de forma efetiva, da violência virtual vivenciada. (HIRSCH et al., 2015).

O problema da violência virtual e seus desdobramentos, bem como as práticas de enfrentamento, ainda merecem maiores estudos e evidências científicas, principalmente em se tratando de aspectos e impactos psicológicos, tanto em vítimas quanto em agressores. Além disso, o Brasil também carece de maiores investimentos quanto a problematização deste tipo de violência, e em alguns casos, a tipificação do crime. Segundo Moreira e colaboradores (2019), tão importante quanto identificar e entender o fenômeno da violência virtual, também se torna significativo a prevenção da mesma, já que aspectos educacionais, culturais e sociais acabam envolvidos na ampliação e propagação do fenômeno.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou analisar a vivência de violência virtual em estudantes universitários e levantar as características de *coping* em relação. Os achados indicam que mais da metade dos estudantes declaram terem sido vítimas de Violência Virtual e que percebem prejuízo psicológico ou social nessa vivência. Enquanto enfrentamento, a estratégia mais utilizada para lidar com a situação é a Fuga da Realidade, havendo correlação negativa entre a vitimização e as estratégias de Coping Afastamento, Aceitação/Resignação e Negação do Problema e dos Sentimentos.

Considera-se relevante investigar fatores desta temática, entendendo os impactos negativos evidenciados por este tipo de violência. O estudo visa subsidiar e incentivar maiores pesquisas, problematizar os processos de saúde de estudantes e provocar a reflexão da temática, tornando evidente a necessidade do avanço da discussão entre aspectos psicológicos e jurídicos.

As limitações deste estudo estão relacionadas à coleta de dados com um público limitado, podendo ser ampliada no sentido de ter maior representatividade de estudantes, bem como a expansão para diferentes regiões geográficas, contribuindo para explicar tal fenômeno de forma mais ampliada. Além disso, indicam-se futuros estudos baseados em intervenções envolvendo a prevenção e o enfrentamento da violência em ambiente virtual, buscando evidências de efetividade.

REFERÊNCIAS

- ALBANAES, Patrícia et al. Intervenção em grupo de apoio psicológico a trabalhadores vítimas de assédio moral. **Revista de Psicologia (Lima)**, v. 35, n. 1, p. 61-96, 2017.
- ANTONIAZZI, Adriane Scomazzon; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco; BANDEIRA, Denise Ruschel. O conceito de coping: uma revisão teórica. **Estudos de psicologia (Natal)**. Vol. 3, n. 2 (jul./dez. 1998), p. 273-294, 1998.
- BOZZA, Thais Cristina Leite; VINHA, Telma Pileggi. Quando a violência virtual nos atinge: os programas de educação para a superação do cyberbullying e outras agressões virtuais. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 12, n. 3, p. 1919-1939, 2017.
- CAMPEIZ, Ana Flávia et al. A escola na perspectiva de adolescentes da Geração Z. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 19, 2017.
- COELHO, Natana Ester Silva et al. A expressão do jovem na contemporaneidade: uma análise sobre cultura e criminalidade. **Pretextos-Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, v. 2, n. 3, p. 20-39, 2017.
- COLOSSI, Patrícia Manozzo; FALCKE, Denise. Gritos do silêncio: a violência psicológica no casal. **Psico**, v. 44, n. 3, p. 310-318, 2013.
- CORCORAN, Lucie; GUCKIN, Conor; PRENTICE, Garry. Cyberbullying or cyber aggression?: A review of existing definitions of cyber-based peer-to-peer aggression. **Societies**, v. 5, n. 2, p. 245-255, 2015.
- DE OLIVEIRA MOREIRA, Jacqueline; DO ROSÁRIO, Ângela Buciano; DA COSTA, Domingos Barroso. **Criminalidade juvenil no Brasil pós-moderno: algumas reflexões psicossociológicas sobre o fenômeno da violência**. Revista Subjetividades, v. 8, n. 4, p. 1021-1046, 2016.
- DE OLIVEIRA SOARES, Rodrigo et al. Uso da internet por estudantes universitários: um campo de estudo emergencial. **RENOTE-Revista Novas Tecnologias na Educação**, v. 16, n. 2, p. 138-148, 2018.
- DELMANTO, Eduardo Dante et al. **Código penal comentado**. Editora Saraiva, 2017.
- DE SOUZA, Daianna Carboni; JUNIOR, Isaac dos Santos Teixeira; BIAZZI, Sideli. STRESS E ESTRATÉGIAS DE COPING: UM ESTUDO COM UNIVERSITÁRIOS DOS CURSOS DE FISIOTERAPIA E CIÊNCIA DA COMPUTAÇÃO. **Revista Destaques Acadêmicos**, v. 11, n. 2, 2019.
- DE SOUZA, Luís Antônio Francisco. Anotações sobre a violência, o crime e os direitos humanos. **Revista de Psicologia da UNESP**, v. 2, n. 1, p. 19-19, 2018.
- FARIA, Margareth Regina Gomes Veríssimo de; ZANINI, Daniela Sacramento; PEIXOTO, Evandro Moraes. Questionário de vitimização virtual: propriedades psicométricas e descrições de vitimização virtual. **Avaliação Psicológica**, v. 17, n. 3, p. 321-329, 2018.
- FREIRE, Bruna Grubits Heloisa; NORIEGA Ángel Vera José. Coping Em Estudantes Universitários: Relação Com Áreas Do Conhecimento. **Psicologia para América Latina**, n. 21, p. 2-14, 2011.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Leya, 2014.
- GARDNER, Dianne et al. Predictors of workplace bullying and cyber-bullying in New Zealand. **International journal of environmental research and public health**, v. 13, n. 5, p. 448, 2016.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GURGEL, Lucas de Araújo. A redescoberta da perspectiva da vítima nos crimes de computador: uma análise vitimológica dos delitos informáticos e uma crítica ao garantismo penal hiperbólico monoclar. 2019.

HIRSCH, Carolina Domingues et al. **Estratégias de coping de acadêmicos de enfermagem diante do estresse universitário**. Revista Brasileira de Enfermagem, v. 68, n. 5, p. 783-790, 2015

HIRSCH, Carolina Domingues et al. Preditores do estresse e estratégias de coping utilizadas por estudantes de Enfermagem. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 28, n. 3, p. 224-229, 2015.

HOLFELD, Brett; MISHNA, Faye. Longitudinal associations in youth involvement as victimized, bullying, or witnessing cyberbullying. **Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking**, v. 21, n. 4, p. 234-239, 2018.

IAMIN, Solange Regina Signori; ZAGONEL, Ivete Palmira Sanson. Estratégias de enfrentamento (coping) do adolescente com câncer. **Psicologia argumento**, v. 29, n. 67, 2017.

KLINGER, Ellen Fernanda et al. Propensão à dependência da internet: um estudo com acadêmicos de um centro universitário. **REVISTA CEREUS**, v. 9, n. 2, p. 75-91, 2017.

LACERDA, Igor Mendonça; PADILHA, Marcelo Fróes; DO AMARAL, Paulo Sérgio Pires. CYBERBULLYING: VIOLÊNCIA VIRTUAL E A TIPIFICAÇÃO PENAL NO BRASIL. **InterSciencePlace**, v. 13, n. 2, 2018.

LAZARUS, Richard; FOLKMAN, Susan. **Stress, appraisal and coping**. New York: Springer, 1984.

LIMA, Ana Cristina Alves; DE CÁSSIA LEIVA, Juliene; DE SOUZA LEMES, Sebastião. Viver em rede: uma análise sobre as implicações do uso das mídias sociais por estudantes universitários. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, p. 896-912, 2017.

MENESES, Sâmya Pereira. CRIMES VIRTUAIS: POSSIBILIDADES E LIMITES DA SUA REGULAMENTAÇÃO NO BRASIL. 2019.

MIRA, José Eugênio; BODONI, Patricia Soares Baltazar. Os impactos das redes sociais virtuais nas relações de jovens e adultos no ambiente acadêmico nacional. **Revista de Educação**, v. 14, n. 17, 2015.

MODENA, Maura Regina et al. **Conceitos e formas de violência**. Caxias do Sul, RS: Educus, 2016.

MOREIRA, Rodrigo Pereira et al. Prevenção de crimes virtuais contra crianças e adolescentes. **Interfaces-Revista de Extensão da UFMG**, v. 7, n. 2, p. 151-161, 2019.

ODALIA, Nilo. **O que é violência**. Brasiliense, 2017.

PEIXOTO, Evandro Moraes; ZANINI, Daniela Sacramento; DE GOMES FARIA, Margareth Regina Veríssimo. Virtual victimization questionnaire: psychometric properties and descriptions of virtual victimization. **Avaliação Psicológica: Interamerican Journal of Psychological Assessment**, v. 17, n. 3, p. 321-329, 2018.

PRIETO QUEZADA, María Teresa; CARRILLO NAVARRO, José Claudio; LUCIO LÓPEZ, Luis Antonio. Violencia virtual y acoso escolar entre estudiantes universitarios: el lado oscuro de las redes sociales. **Innovación educativa (México, DF)**, v. 15, n. 68, p. 33-47, 2015.

RAMOS, Fabiana Pinheiro; ENUMO, Sônia Regina Fiorim; DE PAULA, Kely Maria Pereira. Teoria Motivacional do Coping: uma proposta desenvolvimentista de análise do enfrentamento do estresse. **Estudos de Psicologia**, v. 32, n. 2, p. 269-279, 2015.

SANTOS, Juliana Andrade; RODRIGUES, Marília Santos; SILVA, Juliana de Oliveira Musse. Cyberbullying: Violência Virtual com Consequências Reais. In: **Congresso Internacional de Enfermagem**. 2017.

SCHREIBER, Fernando Cesar de Castro; ANTUNES, Maria Cristina. Cyberbullying: do virtual ao psicológico. **Boletim-Academia Paulista de Psicologia**, v. 35, n. 88, p. 109-125, 2015.

SOARES, Adriana Benevides et al. Situações Interpessoais Difíceis: Relações entre Habilidades Sociais e Coping na Adaptação Acadêmica. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 39, 2019.

STELKO-PEREIRA, Ana Carina et al. Violência virtual entre alunos do ensino fundamental de diferentes estados do Brasil. **Psicologia da Educação**, n. 46, p. 21-30, 2018.

STRAUB, Richard. Enfrentando o estresse. In. STRAUB, Richard. O. **Psicologia da saúde: uma abordagem biopsicossocial**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

WANZINACK, Clóvis; REIS, Clóvis. Cyberbullying e violência na rede: relações entre poder e desenvolvimento no litoral do Paraná. In: **XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Rio de Janeiro, Brasil, 4-7 Setembro 2015**. 2015.

WENDT, Guilherme Welter; LISBOA, Carolina Saraiva de Macedo. Agressão entre pares no espaço virtual: definições, impactos e desafios do cyberbullying. **Psicologia Clínica**, v. 25, n. 1, p. 73-87, 2013.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

Você é do gênero:

Masculino () Feminino () Outro ()

Sua idade:

Seu estado civil:

Solteiro () Relacionamento Estável () Divorciado () Viúvo ()

Cursa qual curso de graduação?

Semestre:

Qual Instituição de Ensino:

Atualmente está trabalhando?

Sim () Não ()

Trabalhou/trabalha na área de formação?

Sim () Não ()

Fez ou faz algum tratamento psicológico/psiquiátrico?

Sim () Não ()

Se sim, quanto tempo em meses?

Motivo da procura do tratamento:

Usa algum medicamento:

Sim () Não ()

Se sim, qual?

Faz uso de substâncias psicoativas (álcool ou outras drogas)?

Sim () Não ()

Você participa de Redes de Relacionamento Virtuais?

Sim () Não ()

Se sim, quantas?

Quanto tempo (em horas) dedica às Redes de Relacionamento Social Virtual por dia?

Você já teve contato com algum tipo de violência virtual?

Sim () Não ()

Considera que já foi vítima de violência virtual?

Sim () Não ()

Se sim, qual ou quais desses subtipos descrevem mais sua experiência (você pode marcar mais de uma opção)?

Cyberbullying (ações violentas entre iguais) ()

Cyber Assédio (ação violenta praticada por alguém hierarquicamente superior) ()

Cyberstalking (Perseguição virtual) ()

Cyberteasing (provocação virtual) ()

Cyberthreats (Intimidação virtual) ()

Trollagem (ofensas virtuais) ()

Shaming (humilhação virtual) ()

Cyber Revenge (vingança virtual) ()

Exposição sem autorização de conteúdo íntimo ()

Você considera que este tipo de violência lhe trouxe algum tipo de prejuízo psicológico ou social?

Sim () Não ()

Se sim, qual a intensidade (escala 1 a 10)?

Você considera que já ocasionou, em algum grau, mesmo sem intenção, algum tipo de violência virtual?

Sim () Não ()

ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: VIOLÊNCIA VIRTUAL EM UNIVERSITÁRIOS: Uma análise sobre aspectos psicológicos e jurídicos

Pesquisador: LUANA ANGELICA RAMBO

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 16285719.2.0000.5344

Instituição Proponente: Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.482.127

Apresentação do Projeto:

Trata-se de projeto do curso de especialização em psicologia jurídica. O presente projeto tem como objetivo pesquisar e estudar o fenômeno da violência virtual sob a perspectiva de estudantes universitários jovens e a correlação com o coping, que se refere ao enfrentamento frente às situações adversas. Percebe-se a escassez dessa temática nas pesquisas atuais, mesmo com evidências do crescimento de tal fenômeno na contemporaneidade. Trata-se de um estudo quantitativo descritivo e correlacional, a ser realizado com 50 alunos de 18 a 25 anos, que se encontram matriculados em cursos de graduação, utilizando-se de do Inventário de Estratégias de Coping e Questionário de Violência Virtual. Considera-se relevante investigar fatores desta temática, entendendo os impactos negativos evidenciados por este tipo de violência que é considerada como crime pelo Código Penal Brasileiro.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Investigar a vivência de violência virtual entre universitários jovens e suas estratégias de coping.

Objetivo Secundário:

a) Tipificar contato com a violência virtual entre universitários jovens; b) Identificar qual subtipo prevalente entre os mesmos; c) Identificar características de enfrentamento da violência virtual; d) Verificar correlação entre subtipos de violência e formas de enfrentamento; e) Problematizar aspectos

psicológicos e jurídicos deste tipo de violência.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Foram previstos os riscos mínimos e benefícios e estão adequados.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Sem observações.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O TCLE está adequado.

Recomendações:

Sem recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

pela aprovação.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_1383140.pdf	25/06/2019 17:43:54		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	25/06/2019 17:40:14	LUANA ANGELICA RAMBO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projetopesquisa.doc	25/06/2019 17:35:11	LUANA ANGELICA RAMBO	Aceito
Folha de Rosto	Folharosto.pdf	25/06/2019 17:31:03	LUANA ANGELICA RAMBO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Luana_Rambo.pdf	02/08/2019 10:05:43	José Roque Junges	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO LEOPOLDO, 02 de
Agosto de 2019

Assinado por:
José Roque Junges
(Coordenador)

ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS
SINOS
Unidade Acadêmica de Pesquisa e Pós-
Graduação

Comitê de Ética em Pesquisa

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Meu nome é Luana Rambo, sou estudante do Curso de Especialização em Psicologia Jurídica e estou realizando meu trabalho de conclusão de curso sob orientação da professora Denise Falcke. A pesquisa tem como objetivo identificar características de Violência Virtual e coping (enfrentamento em situações difíceis) em estudantes de graduação da Geração Z. Entende-se que uma melhor compreensão dessas características nos estudantes poderá auxiliar na preparação dos mesmos para o enfrentamento e problematização de situações de violência virtual durante o curso e em seu ambiente de trabalho futuro. Você está sendo convidado para participar da pesquisa, respondendo a um questionário online, que terá duração média de 20 minutos.

A sua identidade será preservada e você poderá desistir de participar da pesquisa a qualquer momento. Além disso, você também pode deixar de responder a qualquer questão que lhe cause desconforto.

Caso tenhas alguma dúvida, poderá contatar pelo telefone: (51) 97106688 ou pelo e-mail: luanaangelicarambo@hotmail.com. Caso você concorde em participar do estudo, assinale o campo "sim" e clique em continuar. Caso você não queira participar, assinale não ou simplesmente feche a página.

Você concorda com o termo acima e aceita participar da pesquisa?

Sim

Não

Continuar.

ANEXO C – INVENTÁRIO DE ESTRATÉGIAS DE *COPING* (VERSÃO ADAPTADA)

Este instrumento foi desenvolvido para ajudar a identificar as estratégias de *coping* (enfrentamento) das pessoas. Por favor, **pense em uma situação difícil que vivenciou em ambiente virtual** e aponte sua experiência marcando sua resposta em uma escala de (1) a (10), considerando um contínuo entre pouco e muito, sendo 1 – não utilizei esta estratégia e 10 – utilizei em grande quantidade esta estratégia.

Não existem respostas certas ou erradas. Suas respostas são confidenciais. Se possível, não deixe itens em branco.

Agradeço sua cooperação.

Pouco <- 1 10 -> Muito

1.	Procurei trabalhar ou fazer alguma atividade para me distrair.
2.	Deixei o tempo passar a melhor coisa que poderia fazer era esperar o tempo e o melhor remédio.
3.	Tentei encontrar a pessoa responsável para mudar suas ideias.
4.	Conversei com outra (s) pessoa (s) sobre o evento, procurando mais dados sobre a situação.
5.	Esperei que um milagre acontecesse.
6.	Concordei com o fato, aceitei o meu destino.
7.	Procurei guardar para mim mesmo (a) os meus sentimentos.
8.	Procurei encontrar o lado bom da situação.
9.	Dormi mais que o normal.
10.	Aceitei a simpatia e a compreensão das pessoas.
11.	Procurei ajuda profissional.
12.	Mudei ou cresci como pessoa de uma maneira positiva.
13.	Esperei para ver o que acontecia antes de fazer alguma coisa.
14.	Fiz um plano de ação e o segui.
15.	Tirei o melhor da situação, o que não era esperado.
16.	De alguma forma extravasei os meus sentimentos.
17.	Falei com alguém que poderia fazer alguma coisa concreta sobre o evento.
18.	Tentei descansar, tirar férias a fim de esquecer o evento.
19.	Procurei não fazer nada apressadamente, ou seguir o meu primeiro impulso.
20.	Mantive meu orgulho não demonstrando os meus sentimentos.
21.	Procurei fugir das pessoas em geral.
22.	Procurei um amigo ou parente para pedir conselhos.
23.	Não deixei que os outros soubessem da verdadeira situação.
24.	Minimizei a situação recusando-me a me preocupar seriamente com ela.

25.	Falei com alguém sobre como estava me sentindo.
26.	Prometi a mim mesmo que as coisas serão diferentes da próxima vez.
27.	Encontrei algumas soluções diferentes para o evento.
28.	Gostaria de poder mudar o que tinha acontecido ou como me senti.
29.	Mudei alguma coisa em mim, modifiquei-me de alguma forma.
30.	Sonhava acordado (a) ou imaginava um lugar ou tempo melhores do que aqueles em que eu estava.
31.	Desejei que a situação acabasse ou que de alguma forma desaparecesse.
32.	Tinha fantasias de como as coisas iriam acontecer, como se encaminhariam.
33.	Analisei mentalmente o que fazer e o que dizer.
34.	Pensei em uma pessoa que admiro e a tomei como modelo.
35.	Procurei ver as coisas sob o ponto de vista da outra pessoa.
36.	Eu disse a mim mesmo (a) que as coisas poderiam ter sido piores.

ANEXO D – AUTORIZAÇÃO PARA USO DO INVENTÁRIO DE ESTRATÉGIAS DE *COPING* (VERSÃO ADAPTADA)

Autorização para uso de instrumento por e-mail:

From: Edison Barlem <ebarlem@gmail.com>

qui 25/08/2016, 13:35

LUANA ANGÉLICA RAMBO <luanaram@unisin.br>
Caixa de Entrada
boa tarde,

que bom que tens interesse em seguir investigando essa área.

Liberamos sim o uso da escala, sem problemas.

FELICIDADES

Prof. Dr. Edison Luiz Devos Barlem

Vice-Diretor da Escola de Enfermagem da FURG

Editor Científico Journal of Nursing and Socioenvironmental Health (JONSE)

www.jonse.com.br

<http://scholar.google.com/citations?user=fa1ZefcAAAAJ>

Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=K4138430P7>

Líder do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Enfermagem e Saúde- **NEPES- FURG**

End. Rua Dr. Nascimento 115, centro. Rio Grande - RS Cep 96200-300

Fone: 53 91338667 // 32338855

ANEXO E – QUESTIONÁRIO DE VIOLÊNCIA VIRTUAL (QVV)

Prezado(a) participante, neste instrumento cada item terá duas respostas, uma referente ao acontecimento no último ano e a outra se o fato ocorreu alguma vez em sua vida. Assim, após a leitura de cada frase marque um X em Sim ou Não de cada uma das duas colunas.

1- Alguém disse coisas a você por internet ou celular (WhatsApp, sites de relacionamento, mensagem celular) que te magoaram?

Sim () Não ()

2- Alguém publicou coisas sobre você na internet (WhatsApp, sites de relacionamento, Twitter, Facebook, etc.) que te fizeram sofrer ou que te deixaram envergonhado?

Sim () Não ()

3- Alguém fez alguma brincadeira com você utilizando sua imagem (foto) e a expôs na internet para outras pessoas e isso te deixou chateado?

Sim () Não ()

4- Alguém te xingou ou falou coisas sobre você na internet que te deixaram triste?

Sim () Não ()

5- Alguém te avaliou mal publicamente via internet que deixou você chateado?

Sim () Não ()